

Danças Circulares Sagradas: Uma Vivência na Educação Infantil

Caroline Barros Lima¹; Adriana Maria Simião da Silva²

Resumo

O presente trabalho é um relato de experiência em Danças Circulares Sagradas com alunos do Infantil V, em uma escola particular de educação infantil na cidade de Juazeiro do Norte, Ceará. Tem como objetivo conhecer as interpretações e significados das crianças sobre as suas experiências com as Danças Circulares Sagradas e identificar as possíveis contribuições das danças na educação para o ser integral.

Palavras-chave: Danças circulares sagradas; Educação integral.

Abstract

This work is an experience report in Sacred Circular Dances with infant students in a private elementary school in the city of Juazeiro do Norte, Ceará. It aims to know the interpretations and meanings of children about their experiences with the Sacred Circular Dances and identify the possible contributions of dance to the integral being.

Keywords: Sacred Circle Dances. Integral education.

¹ Graduada em Psicologia pela Faculdade Leão Sampaio e Especialista em Psicologia Aplicada a Educação pela Universidade Regional do Cariri.

Contato : carolbarroscariri@gmail.com

² Graduada em Ciências Sociais, Mestre em Sociologia e doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Orientadora desta pesquisa.

Contato:adrianamsimiao@gmail.com

Introdução

Entre as temáticas que perpassam o cotidiano das instituições de ensino, algumas se destacam tais como, as dificuldades de aprendizagem, relações permeadas pelos alunos ditos hiperativos e dispersos, crianças imersas no mundo

das tecnologias, acesso rápido às informações, pais sem tempo para cuidar dos filhos, delegando à escola e seus profissionais a função de educá-los.

Em meio a estas dificuldades em lidar com novas demandas dentro da sala de aula, surgem novas formas de olhar para escola, de relacionar-se nesse ambiente, um novo jeito de ensinar e aprender, onde não cabe mais a figura do professor como único detentor do conhecimento a ser transmitido aos alunos, como se estes não tivessem uma prévia leitura de mundo e vivências anteriores e paralelas à escola.

Emerge a necessidade de um espaço escolar, que não perpetue a valorização do materialismo, da racionalidade, gerando uma fragmentação e desconexão entre corpo, emoção, razão e conhecimento.

Pensando em como seria possível vivenciar novas formas de interação e aprendizagem na escola, é que surgiu o interesse em vivenciar as Danças Circulares Sagradas (DCS) na educação infantil.

Na roda, de mãos dadas, cada parte forma muito mais que um todo. Sem pontos que determinem início e fim, somos todos iguais, temos a mesma importância para a formação desse círculo. Somos individuais naquilo que pensamos, sentimos, tememos ou amamos e essa individualidade se reflete no passo, no nosso passo, único. Contudo, quando damos as mãos, nossa individualidade, somada às outras, forma um todo de cooperação, paciência e respeito.

Falar em brincar/dançar em roda é remeter a momentos marcantes da minha história. Na infância, lembro-me da euforia e alegria em estar junto a outras crianças e poder cantar e dançar em roda de forma livre e espontânea as tradicionais cantigas de roda.

Na adolescência, entrei em contato pela primeira vez com as Danças Circulares Sagradas propriamente ditas. Vivi momentos nos quais me percebi enquanto indivíduo, meu movimento, meus passos, o que me tornava diferente dos outros, mas ao mesmo tempo juntos. Paralela a essas descobertas, pude vivenciar momentos de relaxamento e harmonia em meio algumas tensões próprias dessa fase.

Quando chegou a fase adulta, houve novas descobertas, pois era chegado o momento de exercer minha profissão, com isso as DCS foram por mim retomadas,

agora não mais como participante que era conduzida, e sim, como facilitadora, propondo as danças aos grupos de educadoras das escolas nas quais trabalho. As danças vinham como recurso para acolhimento, socialização, integração, reflexão, comunhão e partilha.

Percebendo os efeitos que as DCS causavam em mim e nos grupos aos quais fazia parte, suscitou-me o interesse em expandir essa prática não apenas com os profissionais, mas também para as crianças, alvos de inúmeras queixas trazidas ao longo da minha atuação como psicóloga escolar/educacional.

Assim a proposta de vivenciar DCS na educação infantil, vem como um caminho a se trabalhar emoções, sentimentos, corroborando com a perspectiva de que o aprendiz é um ser de relações e afetos, preconizado nas novas propostas de educação para os novos tempos, oferecendo as crianças um espaço de empatia e autodescoberta.

Uma nova educação

Falar de educação, seus personagens, suas relações e seus processos de ensino/aprendizagem, é falar das mudanças que vem ocorrendo com a humanidade: globalização, conflitos sociais e novas tecnologias.

A partir dessas transformações, percebe-se que surge uma nova forma de pensar a educação, os antigos paradigmas já não dão mais conta das novas demandas que surgem em sala de aula, posto que:

A onda de mudanças vulgariza a informação, quebra poderes de valores sobre igualdade e direitos sexuais, altera em profundidade a função tradicional da família e seu papel complementar na educação e precipita para a escola responsabilidades e papeis jamais sonhados. (ANTUNES, 2002, p.9)

Ainda sobre essas novas perspectivas, Bondia (2002) questiona a educação com base na relação entre ciência e técnica, que prima pela teoria e prática e propõe um novo binômio para se pensar a educação a partir do par experiência/sentido. Experiência aqui é entendida como “aquilo que nos passa, nos acontece e nos toca” (BONDIA, 2002, p. 21), contudo, cada vez mais difícil de

ocorrer pelo excesso de informação, excesso de opinião, falta de tempo e excesso de trabalho.

Corroborando com a temática, um documento fundamental é o relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, no qual Delors et al. (1998) propõe os quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser, com base em uma concepção ampliada da educação que reconhece e ajuda a desenvolver o potencial criativo de cada um e que ultrapasse a visão puramente instrumental da educação, considerada como a via obrigatória para obter certos resultados (saber-fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordem econômica), e se passe a considerá-la em toda a sua plenitude: realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser.

O primeiro pilar: Aprender a conhecer, frisa a importância do aprendizado a partir da compreensão de mundo, do prazer da descoberta, valorizando a pesquisa, a experimentação, sendo assim um terreno fértil para o despertar da curiosidade e do senso crítico.

Indissociável do primeiro pilar, o segundo: Aprender a fazer, está relacionado ao como colocar em prática os saberes e como adaptar a educação ao trabalho futuro, uma vez que “qualidade como a capacidade de comunicar, de trabalhar com os outros, de gerir e de resolver conflitos, tornam-se cada vez mais importantes” (DELORS et al., 1998, p.94).

Daí infere-se a importância do terceiro pilar: Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros. Este tópico convida ao desafio da escola poder ser um espaço de promoção da não violência, da luta contra o preconceito, em detrimento de práticas geradoras de concorrência, competição que valorizam o individualismo. E o caminho para tanto vai além, de promover a comunicação entre as partes envolvidas, mas passa pela descoberta do outro a partir da descoberta de si mesmo e assim desenvolver uma atitude empática e a participação em projetos de objetivos comuns.

Por fim, o quarto pilar: Aprender a ser, preconiza uma educação que favoreça às crianças autonomia, criticidade, liberdade para usar sua imaginação e criatividade para desenvolverem seus talentos e serem capazes de imergir numa jornada de autoconhecimento e também abertura para a relação com o outro.

Para tanto vivenciar as Danças Circulares Sagradas é facilitar um espaço que possibilite ao aluno ter uma experiência com sua dimensão afetiva, espiritual, a partir do contexto social e cultural que lhes são únicos.

Danças Circulares Sagradas

A dança se apresenta na vida do homem desde os mais remotos tempos e nas mais diversas culturas, seja como forma de celebração de ritos de passagem, de agradecimento, de pedido pela intercessão dos deuses ou como forma de representar os ciclos da natureza e as atividades do cotidiano, numa vivência de contato íntimo com a sua divindade.

Uma comunicação que transcende o uso da palavra, que supre a necessidade do homem se expressar, pois, segundo Poyares (2006) por causa dessa necessidade, o homem começa a movimentar o seu corpo e neste caminho de elaboração de linguagem, a dança se apresenta antes da linguagem falada.

Para Wosien (2000), através da dança o homem vivencia a transfiguração de sua existência, em uma metamorfose que transcende de seu interior, relativa ao ser e também à elevação ao seu eu divino. Já para Osteto (2006, p.71) “a dança evoca nas suas origens um caráter comunitário, ligado a todos os aspectos da sobrevivência do grupo”.

Dançar é celebrar. É a demonstração dos sentimentos quando as palavras são insuficientes. É a manifestação do instinto de vida que busca encontrar o êxtase da unidade primeva. É a união, o encontro entre corpo e alma, criador e criação, uma volta ao *SerUnode* onde tudo emana. (BONETTI, 1998, p.114)

A partir da aproximação com as danças folclóricas e étnicas dos povos do hemisfério norte foi que por volta do ano de 1976, o bailarino e coreógrafo alemão/polonês, Bernhard Wosien, deu início às Danças Circular Sagradas, como resultado de sua busca de uma forma de expressão corporal que transmitisse um estado espiritual de alegria e amor (RAMOS, 1998).

As DCS são danças que em sua maioria ocorrem em círculo, podendo evoluir para linha ou espiral, utilizando-se de passos pré-definidos, com músicas folclóricas, em sua grande maioria, envolvendo movimentos gestuais, transitando

para direita esquerda, frente trás, podendo acontecer aos pares. Os passos são ensinados na própria roda pelo focalizador e ensaiados apenas para que os participantes da roda compreendam a sequência e não no intuito de uma posterior apresentação.

Não se configura como uma técnica de dança, mas sim uma ferramenta de vivência de partilha e cooperação. De acordo com Rodrigues (1998) a dança em grupo deve ser de inclusão, pois, mais importante que o passo certo é o ritmo certo.

Uma vez em círculo, todos se encontram a uma mesma distância do centro, ao dançar, o mundo é de novo circular e passado de mão em mão. Cada ponto na periferia do círculo é ao mesmo tempo um ponto de retorno (WOSIEN, 2000). Sobre a importância do círculo Berni (1998, p.57) complementa que “no círculo da dança somos levados por uma energia que nos torna iguais e que nos faz lidar com o erro de maneira leve e construtiva”.

Sobre a dimensão sagrada das danças circulares pode-se destacar o contato com o que há de mais sagrado para os povos que as dançavam através dos movimentos, além da introspecção meditação que as danças proporcionam, ou o que Ramos (1998) traz como o aspecto transcendental da vivência possibilitando o retorno à união com a Fonte, trazendo esse Sagrado para nossas vidas, de forma sutil, permeando de novos valores e nos libertando do automatismo e racionalismo cotidiano.

Não se pode deixar de abordar também o caráter lúdico das danças e trazer as considerações de Dias (2005, p.46) de que “é preciso exercitar o jogo simbólico e as linguagens não verbais, para que a própria linguagem verbal, socializada e ideologizada, possa transformar-se em verdadeiro instrumento de pensamento”.

Características que vem de encontro à perspectiva de educação como aquela que:

[...] agrega-se à ideia filosófica de homem integral, realçando a necessidade de desenvolvimento integrado de suas faculdades cognitivas, afetivas, corporais e espirituais, resgatando, como tarefa prioritária da educação, a formação do homem, compreendido em sua totalidade.(GUARÁ, 2006, p.16 apud DEBASTIANI e STRIEDER, 2009, p. 45).

Metodologia da Pesquisa

Trata-se de um relato de experiência a partir da vivência das Danças Circulares Sagradas com oito crianças com idade média de cinco anos de idade. Vale ressaltar que uma das crianças não tinha a fala desenvolvida ainda, com a presença apenas de balbucios.

Todos são alunos de uma escola particular de educação infantil na cidade de Juazeiro do Norte, Ceará. A pesquisa desenvolveu-se no período compreendido entre junho e outubro de 2014. Caracteriza-se como pesquisa-ação, uma vez que há o envolvimento do pesquisador com os participantes durante o processo da pesquisa (GIL, 2008).

No primeiro momento da pesquisa foram realizados dez encontros semanais para a vivência das danças, sempre após o recreio, com duração aproximada de trinta minutos cada encontro, complementado pela produção de desenhos e roda de conversa sobre a experiência vivida. A proposta era trabalhar músicas variadas, diversos estilos, ritmos e países e ver as sensações e efeitos que emergiam.

Em um segundo momento foi feito o relato e avaliação através da fala das crianças e professora sobre possível influência das DCS no processo ensino aprendizagem e relações entre sala de aula.

Os Encontros

Escravos de Jó

O primeiro momento teve o intuito de apresentar a proposta das danças circulares às crianças, fazendo uma aproximação com situações já vividas por elas, assim inicialmente a ideia era perguntar quem já brincou de roda, com quem e quais brincadeiras de roda já tinham feito e em seguida dançarmos a música Escravos de Jó.

Esta música foi escolhida por ser uma das DCS brasileira, parte do nosso repertório de brinquedos cantados, sendo mais provável de ser conhecida do

cotidiano das crianças, além de proporcionar um momento de descontração pelos seus movimentos acelerados.

Na sala de aula ainda, escolhemos um brinquedo em comum, que todos gostassem para colocarmos no centro da nossa roda. Ao chegar à sala escolhida para a roda, alguns já foram tirando o sapato e acomodando perto da porta.

Surgiram algumas dificuldades como, por exemplo, poucos ouviam o que estava sendo dito, pois o espaço era muito amplo e as crianças não paravam de correr, número reduzido de crianças pela proximidade com as férias, dificuldade de formar a roda porque um colega só queria pegar na mão de determinado colega, quando isso não era possível saíam da sala dizendo que não iam mais ser amigos, além da disputavam de lugar para pegarem na minha mão.

Tentei contornar falando da importância de todos, que depois poderiam trocar de lugar, ainda assim duas crianças não brincaram conosco. Falei que nos encontraríamos na próxima semana.

O intuito era conversamos após a dança, partilhar como foi a experiência, as sensações, no entanto não foi possível por conta do tempo que já estava bastante avançado. Quem brincou demonstrou alegria ao brincar, mas isso foram apenas minhas percepções.

Formando pares

Optei por repetir 'Escravos de Jó', pois foi uma música que já brincaram e gostaram e acrescentei a música 'Viseu', que apesar de ser uma música tradicional portuguesa tem *bastante* proximidade com cantigas mais conhecidas deles.

Na sala as dificuldades se repetiram, principalmente porque a segunda música exigia a formação de pares. Até que conversando sobre a importância de todos participarem e da possibilidade da troca de pares conseguimos fazer a roda. Ainda assim uma criança não participou. Agradei a presença deles, falei do quanto achei legal quando fizemos as duplas e conseguimos fazer a dança. Foi o último encontro antes das férias.

Volta às aulas

Para esse dia, escolhi repetir a música do Viseu para relembrarem e acrescentei a do caracol, pelo seu nível de dificuldade ser mais simplificado. Perguntei quem tinha brincado com as danças nas férias, no que algumas crianças responderam positivamente mas, ao mesmo tempo, não lembravam as músicas.

Algumas variáveis tornaram esse encontro bastante atribulado. Não escolhemos nada para colocar no centro da roda, o som não funcionou e fizemos a dança apenas cantando.

Pela experiência dos dois encontros anteriores resolvi começar com um pequeno exercício de respiração, para que ficassem mais próximos para ouvir as orientações, mas já de início, uma das crianças não participou.

Houve muita dispersão, ficaram implicando uma com a outra, duas crianças subindo nos tatames que ficam na sala, uma delas se machucou, optei por pedir que a criança que não estava participando e ainda brigando com as outras voltasse pra sala de origem. Ela dizia: “não vou descer daqui você não manda em mim” e eu repetia, de fato não mando em você, mas gostaria que você participasse conosco. A solução que me veio foi pedir que ele fosse pra sala, já que não queria participar.

Nesse dia, fiquei bastante pensativa sobre a continuidade da vivência das danças com as crianças, sobre o andamento da pesquisa, fiquei desestimulada e me questionando se tinha tomado a decisão correta de pedir que a criança saísse da sala, pois parecia quase uma obrigação que todos dançassem.

A dança dos vagalumes

A partir daqui resolvi fazer algumas mudanças. Optei por fazer apenas uma dança por encontro e para esse dia escolhi a música HotaruKoi, do Japão. Separei com antecedência o objeto do centro, nesse dia escolhi uma luminária que lembrasse o efeito dos vaga lumes, ensaiei melhor a dança previamente, preparei melhor a sala e convidamos a professora para participar também.

Com essas alterações conseguimos realizar a dança e conseqüentemente houve tempo para ouvir os relatos de como as crianças se sentiram.

As respostas foram as mais variadas, as crianças relataram sensações do tipo: “não senti minhas pernas”, “me senti voando”, “dançando”, “me senti pegando um monte de borboletas, eu adorei fazer isso aqui” (movimento de abrir e fechar as mãos que imita o piscar dos vaga lumes), “gostei da parte que vira pro colega”.

Percebi que a avaliação do processo agregada às mudanças foram essenciais para o acolhimento das crianças e desenvolvimento das danças. As crianças lembraram as músicas anteriores, cantaram e nesse dia começaram a fazer associações com coisas que já sabiam. Falaram sobre o Japão, suas comidas e curiosos perguntaram se eu já havia ido lá pra poder trazer a música para que eles dançassem.

Tá caindo fulô

Nesse dia, a professora não pôde ir. Algumas crianças demonstravam resistência para participar e antes que fôssemos para a sala onde realizávamos a roda, pedi então para ir só quem quisesse participar, ainda com dúvidas se seria a melhor opção.

A música escolhida é uma das minhas preferidas, pela alegria, descontração e ludicidade que proporciona. É uma música da tradição popular de Minas Gerais, cantada pelos Congos nas festas de São Benedito e N. Sra. Do Rosário, coreografada por Bia Esteves, que diz assim:

Olha São Benedito é o santo, viva Nossa Senhora do Rosário, senhor capitão, onde me mandar eu vou, no palácio da rainha, nasceu um gai de fulo, tá caindo fulô, tá caindo fulô, lá do céu, cai na terra, ê tá caindo fulo, lá na rua debaixo, lá no fundo da horta, a polícia me prende olelê, a Rainha me solta.

Ainda houve dificuldade, porém foi mais tranquilo. Conseguimos realizar a roda e, ao longo do encontro, perguntei para quem eles gostariam de mandar as pétalas que simbolicamente estavam caindo. Eles foram mandando para os avós, para as mães e pais.

Os depoimentos que se seguiram foram assim: “senti como se minha mãe tivesse comprado mais flores pro meu jardim, na parte tá caindo fulô me senti muito,

muito bem, na hora que fala da polícia senti medo, narainha me senti bem”, “gostei da parte da polícia, senti alegria”, “me senti voando”, “me senti cansada, não posso gastar água, nem perfume e tem que obedecer pra não ser presa”.

Um dos meninos não participou, mas entrou na roda e outra que também não dançou, mas disse que ao ver a dança sentiu uma coisa linda. Neste momento, repensei se seria válido mesmo que não quisessem dançar, para que possam ir pra sala da dança porque, de alguma maneira, são tocados e dão sua contribuição como podem e não apenas como é pedido.

Vyesyavyesyakapustka

Por volta do sexto encontro foi possível perceber o envolvimento das crianças com os nossos encontros, pois elas já esperavam e perguntavam pelo dia da roda para a professora ou quando me encontravam pelos corredores da escola.

Para esse dia, escolhi uma música da Rússia, que em sua tradução se chama: cresce, cresce repolhinho. De pronto, as crianças começaram a falar o que sabiam sobre a Rússia, até uma das crianças que teve resistência em participar dançando na roda falou com bastante entusiasmo, nesse momento inicial dos comentários.

Uma das crianças falou do jogador de futebol que tem nesse país, outra argumentou que não tem neve no Brasil, outra criança contestou: “tem sim, mas apenas no rio... do sul” e complementei: Rio Grande do Sul. Sem falar nos comentários sobre o repolho, lembraram uma música que estavam ouvindo em sala, quem já comeu o seu uso em saladas e sopas.

“O danado” teve uma ideia

Percebo que ao longo dos encontros fui ficando mais tranquila na condução das rodas e a facilitação com a professora se tornou essencial, por incluí-la no processo e pela continuidade dos debates ao longo da semana em sala de aula.

Mesmo com as rodas fluindo cada vez mais, algumas dificuldades ainda estão presentes. Ainda fazem questão de pegar na minha mão, mas pegar na mão dos parceiros tem sido mais fácil, exceto na mão de um dos colegas que é visto pela turma como: “o danado”. Especialmente nesse dia, logo no início algumas crianças não quiseram dançar, na segunda vez que fizemos a dança outro grupo encontrou um dominó e começou a jogar e pra completar, “o danado” bateu a caixa do dominó no rosto de uma das meninas.

Ainda assim, conseguimos fazer a roda, na qual as crianças associaram os passos da dança à forma como alguns bichos andam. Elas se identificaram com elefante, borboleta, pato e relataram sensações do tipo: “me deu um cansaço, mas eu adorei o pá pápá” (referindo se ao momento em que os pés batem forte no chão), “parecia que eu tava bêbada, gostei muito de bater o pé”, “cansada, gostei muito de ir pra frente e pra trás”, “gostei de ir pra frente e bater o pé, animada, senti que essa dança é muito bonita”, “feliz, gostei do passo pra trás”, “gostei só da música mesmo”.

A criança dita danada não quis ficar na roda, mas ficou dentro dela e falou: “foi engraçado, eu era uma estátua e todos dançando em volta” e no final de tudo teve uma ideia: “no último encontro vamos dar a volta ao mundo, aí a gente vê o DVD do PatatiPatatá e faz as danças”, aí a turma que não queria pegar na mão dele comprou a ideia e completou: “a gente traz flores pro corpo e pra cabeça”, “vamos voltar e fazer tudo de novo, vamos fazer uma do Egito, da cobra”

Oreru Nhamandu Tupã

Resolvi trabalhar identidade através do mito de Nhamandu e Tupã e comecei contando a seguinte adaptação livre do mito da criação Guarani: era uma vez o deus sol Nhamandú, que teve um filho Tupã, o deus do trovão e das águas. Antes da criação do homem, Tupã passeando pelas estrelas conheceu Aracy, deusamãe do céu que morava na lua. Resolveram se casar. Demorou anos para se encontrarem, casaram e no dia depois do casamento desceram sobre a Terra e juntos criaram os rios, os mares, as florestas e todos os seres vivos do Universo.

Após ouvirem a história todos colocamos no centro da roda uma foto nossa que representasse quem somos. Havia fotos de aniversários, na escola, com a família e foto de quando ainda eram bebês.

Dançamos ao som da música indígena e o maracá foi passado de mão em mão, todos puderam marcar o tempo da dança, pela primeira vez todos dançaram do começo ao fim, alguns até cantaram. No final fizemos um desenho onde cada um seria um deus. Surgiram deusas da lua, deusas das cachoeiras, deus dos animais, deusa dos raios, da alegria, da felicidade e deus do sol. Foi um momento muito especial de entrega e envolvimento de cada participante.

The flower

Depois de ver a concentração e a participação das crianças no encontro anterior, achei que já estava na hora de fazer algo mais ousado: uma dança meditativa. Apenas com música instrumental, gestual e sem sair do lugar.

A proposta era experimentarmos um momento mais introspectivo. Para isso, ao dançarmos a flor, íamos semear as sementes com os desejos que queríamos que crescessem. Cada um escreveu o nome da semente que iria plantar, surgiram sementes de mangueira, flor, morango, paz, árvore e alegria.

E alguns dos relatos foram: “me senti feliz, muito bem”, “eu pensava que eu era uma flor e eu senti alegria”, “eu me senti bem, ela minha semente nasceu e eu crescia manga”, “essa dança foi boa, senti amor” (essa criança dançou a música toda de olhos fechados), “senti amor”, “me senti dançando” outra falou “não gostei muito, achei muito lenta”, a professora finalizou “senti uma paz, me senti muito bem”. Sem dúvida as sementes floresceram, foi uma roda emocionante.

Volta ao mundo

O décimo encontro, como havíamos combinado, foi o dia da volta ao mundo, mas antes de fazermos todas as danças dos diversos lugares que vivenciamos ao

longo das nove rodas anteriores, pedi para que escolhêssemos um nome para os nossos dez encontros que simbolizasse o que fazíamos toda vez que nos encontrávamos.

Sugiram os seguintes nomes: volta ao mundo se encontrar, volta ao mundo dançar, volta aos céus, danças e encontrar todo mundo, dança do encontro, rainha da flor. Após a votação ficou decidido que o nome seria dança do encontro.

Seguimos a sequência das danças desde o primeiro encontro até o nono, sendo que na música do quinto encontro, Tá caindo Fulô, propus que oferecêssemos as flores que eu havia colocado no centro, uns aos outros. Foi encantador ver a doação entre as crianças, incluindo para o menino dito como o danado, ou as meninas que por inúmeras vezes não queriam pegar na mão quando estavam brigadas. Um momento de partilha, de troca de afetos, de reconciliação.

Conclusão

Ao longo do processo entre a preparação para essa experiência e a vivência das danças de fato, muitas variáveis foram aparecendo, expectativas, hipóteses, mudanças, desafios, surpresas mas, sem dúvida, muito aprendizado. Logo de início, em meio às mudanças o fator tempo impôs o seu peso em diversos aspectos. Por conta do calendário escolar a ideia inicial de realizar quinze encontros resultou em apenas dez.

O tempo de meia hora, conseguido para encaixar as danças entre as atividades das crianças e a realização de suas tarefas, também dificultou, pois em alguns momentos precisávamos nos alongar mais nas danças, nas ricas conversas que surgiam, na mediação dos conflitos acarretando, até mesmo, no fato de que os desenhos que seriam ferramentas para avaliação, tornaram-se apenas gatilhos para iniciar a roda de conversas, uma vez que raros foram os momentos em que houve tempo para fazê-los.

Percebi o quanto eu estava imersa no modelo de educação com base em produtividade. Quando focada em obter resultados para a produção deste trabalho, deixei passar despercebido algumas situações, tais como trazer os conflitos para serem trabalhados e resolvidos no grupo e não apenas decidindo sozinha o que

fazer. Vi-me frente aos meus próprios erros, exercitando a flexibilidade e revendo meus conceitos.

Eis que, pela vivência exposta, as Danças Circulares Sagradas se mostraram como uma potente ferramenta, mas não um fim em si mesma. Como fio condutor, foi amarrando as pontas do afeto e do conhecimento. Pela curiosidade, diminuiu a distancia entre Rússia e Brasil, trouxe a identidade dos deuses e deusas, fazendo com que cada um reconhecesse o seu poder, numa grande volta ao mundo sem deixar de meditar.

Por fim, presenciar a forma como as crianças foram se desenvolvendo no grupo, a integração, o fortalecimento do respeito, cooperação, inclusão e a forma como foram relacionando a dança às temáticas trabalhadas em sala de aula, corroborou para a ideia de que é possível pensar e viver novas formas de aprender e as Danças Circulares Sagradas podem ser um caminho.

Referências

ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar novas, formas de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BERNI, Luiz Eduardo V.. Danças Sagradas: uma técnica de meditação ativa. In: RAMOS, Renata Carvalho Lima (Org.). **Danças Circulares Sagradas: Uma proposta de educação e cura**. São Paulo: Triom, 1998. p. 55-72.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 jun. 2014.

BONETTI, Maria Cristina de Freitas. Dança Sagrada: a celebração da vida. In: RAMOS, Renata Carvalho Lima (Org.). **Danças Circulares Sagradas: Uma proposta de educação e cura**. São Paulo: Triom, 1998. p. 107-136.

DEBASTIANI, Jandira Gonçalves de Azevedo; STRIEDER Roque. Educação integral como desafio de educar para salvar vidas. **Visão Global**, Joaçaba, v. 12, n. 1, p. 31-54, jan./jun. 2009.

DELORS, Jaques (Org). **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez/Brasília: MEC: UNESCO, 1998.

DIAS, Marina Célia Moraes. Metáfora e pensamento: considerações sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicação para a educação pré-escolar. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 45-56.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educadores na roda da dança: formação-transformação**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

POYARES, Mônica Amaral Melo. **Abre a roda tindôlê lê: a dimensão religiosa nas brincadeiras de roda entre crianças de 4 a 6 anos**. Dissertação de mestrado, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

RAMOS, Renata Carvalho Lima. Retorno a Fonte. In: RAMOS, Renata Carvalho Lima (Org.). **Danças Circulares Sagradas: Uma proposta de educação e cura**. São Paulo: Triom, 1998. p. 173-194.

RODRIGUES, Gláucia Helena C. B. Mudanças. In: RAMOS, Renata Carvalho Lima (Org.). **Danças Circulares Sagradas: Uma proposta de educação e cura**. São Paulo: Triom, 1998. p. 43-54.

WOSIEN, Bernhard. **Dança: um caminho para a totalidade**. São Paulo: Triom, 2000.



Recebido: 23/06/2017

Aceito: 26/06/2017